

A Comunicação para a cidadania e as novas mídias: o silêncio da TV Tagarela no Canal YouTube¹

Lilian Saback²
PUC-Rio

RESUMO

Este artigo analisa a presença da TV Tagarela da Rocinha no YouTube e questiona os rumos da comunicação comunitária produzida para o fortalecimento da cidadania de um grupo nas novas mídias. O texto é embasado nos resultados preliminares obtidos com a pesquisa “Mídia local, sociabilidade e novos modelos de expressão”, que investiga cinco veículos de comunicação comunitária atuantes na Favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro. A estrutura metodológica adotada parte da contextualização do audiovisual na comunicação para a cidadania e das análises quantitativa e qualitativa da produção dos “tagarelas” na rede social YouTube.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania, comunicação comunitária. TV Tagarela. YouTube.

Introdução

Este artigo objetiva contribuir para o debate sobre os rumos da comunicação comunitária, uma comunicação para a cidadania, nas novas mídias, a partir da análise da produção no Youtube da TV Tagarela da Rocinha, favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. O texto é embasado nos resultados preliminares obtidos com a pesquisa “Mídia local, sociabilidade e novos modelos de expressão”, que investiga cinco veículos de comunicação comunitária atuantes na Favela da Rocinha: TV Tagarela (1998), Rádio Brisa 101,7 (1998), site Favela da Rocinha.com (2008), Jornal Fala Roça (2013) e a página no Facebook denominada Rocinha em Foco (2013). Todas mídias locais produzidas por e para moradores, criadas em épocas diferentes, em veículos até então distintos, mas que atualmente estão inseridas em plataformas navegáveis por meio da internet.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre em Comunicação pela PUC-Rio, doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, pós-doutoranda do PPGCOM PUC Minas e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária – LECC - UFRJ. E-mail: liliansaback@puc-rio.br.

O estudo mais amplo, ainda em desenvolvimento, observa essas cinco plataformas de comunicação com o intuito de identificar quais as características da mídia local do século XXI. Entende-se que é fundamental responder a questões como: é possível falar em mídia local já que todas que compõem o corpus da pesquisa têm um espaço virtual?; qual seria a nomenclatura mais apropriada?; quais os impactos desses novos modelos de comunicação comunitária nos moradores da Rocinha?; a comunicação comunitária funciona no espaço virtual?

Neste artigo, ao pensar a presença da TV Tagarela nas redes sociais objetiva-se, prioritariamente, encontrar pistas que respondam à última questão elencada no parágrafo anterior: a comunicação comunitária funciona no espaço virtual? Neste primeiro momento, o levantamento identifica quais vídeos são publicados na internet?; quais assuntos predominam nesses vídeos?; qual a agenda dos assuntos pautados?; com qual frequência são feitas as postagens?; e qual o número de visualizações obtidas?

Entretanto, para fazer esta reflexão proposta a partir da produção de uma TV Comunitária foi preciso primeiro situar o audiovisual no contexto da comunicação comunitária. Sendo assim, para este texto recorreu-se a duas etapas metodológicas distintas: o levantamento do percurso e consolidação do conceito de TV comunitária; e às análises quantitativa e qualitativa dos vídeos publicados no Canal da TV Tagarela no YouTube.

O papel do audiovisual na comunicação comunitária

O audiovisual comunitário ganhou força como instrumento promotor de visibilidade do cotidiano das favelas brasileiras no final da década de 1970, com a chegada do videocassete e das câmeras portáteis. Com a mobilidade dos equipamentos da época nasceram as primeiras TVs Livres, também chamadas TVs de Rua. Uma experiência televisiva onde eram apresentados programas em vídeo produzidos por moradores em enormes telões instalados em locais públicos.

No Brasil, as pioneiras na produção de vídeos produzidos, editados e veiculados por moradores de uma localidade específica foram a TV Viva, em Olinda, e o Centro de Criação da Imagem Popular (CECIP), com o projeto de vídeo popular TV Maxambomba (1986-2002), no Rio de Janeiro. A proposta das duas iniciativas era promover comunicação e educação a serviço do fortalecimento da cidadania, a partir da exibição de

programas que mostravam as dificuldades existentes, as soluções criativas encontradas, os seus valores artísticos e culturais dos moradores daquele lugar.

Além da TV Maxambomba, outras TVs Livres fizeram história, principalmente, quando saíram das ruas e passaram a ocupar espaços fechados, como associações de bairros, postos de saúde e escolas. As TVs móveis, compostas por um videocassete, um telão ou monitor de TV, um amplificador de som e um microfone, passaram a percorrer locais previamente escolhidos para apresentar e debater a produção audiovisual feita por moradores de uma determinada comunidade, mesmo que com o suporte técnico de uma organização não governamental ou de um sindicato. (SABACK, 2015, p. 95).

No levantamento feito por Santoro na década de 1980, a produção em vídeo feita por grupos populares trabalhava em seis linhas : autoscopia – “gravação de reuniões, de atuações individuais para exibição interna nos próprios grupos”; registro – “gravação de eventos ou fatos de interesse do grupo sem preocupação específica com uma edição”; edição simples – “concepção de um documentário tendo como origem um material já gravado”; documentário – a equipe quando sai para uma gravação já tem definido qual o objetivo do trabalho e sabe, portanto, o que vai fazer”; roteiro original – requer uma certa experiência do grupo em lidar com os elementos da linguagem audiovisual”; e, por último, o uso do equipamento técnico como suporte – “dedicam-se à discussão a partir de programas, ou filmes exibidos aos seus participantes”.

O conceito de TV comunitária compreende experiências televisivas realizadas por moradores de uma determinada comunidade de bairro (LIMA, 1997). De acordo com um estudo feito por Cicilia Peruzzo, na década de 1990 existiam quatro tipos sobre TVs comunitárias no país: as em UHF (Ultra High Frequency), que, a partir de um convênio, retransmitem parte da programação de alguma Televisão Educativa; as clandestinas, com sistema de transmissão em baixa potência VHF (Very High Frequency); as TVs de Rua, também chamadas de TVs Livres, descritas anteriormente e, ainda, as com transmissão a cabo, por assinatura. Para a pesquisadora, com a globalização as TVs comunitárias, assim como as demais mídias comunitárias estão criando estratégias e conteúdos diversos.

Pauta-se pela ousadia, criatividade, legalidade, valorização da cultura brasileira e privilegia a ação de organizações sociais, além de temas que afetam o cotidiano local e regional, tanto na questão jornalística como artística e cultural. (PERUZZO, 2007, p. 37)

Com a implantação da Lei 8.977, de 6 de janeiro de 1995, conhecida como “Lei do Cabo” regulamentou o conceito de Canal Comunitário. A legislação tornou obrigatório que as operadoras de TV a cabo, que obtiveram a concessão de canais a cabo, disponibilizassem seis canais básicos de utilização gratuita. O artigo 23 determina que são três canais legislativos (Senado Federal, Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas/Câmaras de Vereadores), um canal universitário (para uso compartilhado das universidades sediadas na área de prestação do serviço), um educativo-cultural (reservado para uso dos órgãos que tratam de educação e cultura do Governo Federal, governos estaduais e municipais) e um comunitário (aberto para utilização livre por entidades não governamentais e sem fins lucrativos). (idem, 2000).

Em 2011, a Lei 12.485, de 12 de setembro, logo apelidada de “Lei da TV paga” substituiu a “Lei do Cabo”. O artigo 32 do capítulo VII da lei que foi ampliou de seis para 11 o número de canais sem qualquer ônus ou custos. Entre eles foi mantido “um canal comunitário para utilização livre e compartilhada por entidades não governamentais e sem fins lucrativos”³.

A Favela da Rocinha ganhou um canal comunitário a cabo em 1997, quando o empresário argentino Dante Quitero criou a TVROC. O objetivo do empresário era unir o marketing às ações sociais, oferecendo aos moradores da favela informações que ela não poderia obter por meio da grande mídia (MEDRADO, 2005). A TVROC conseguia da NET Brasil um pacote simples com poucos canais e da NET Rio, a autorização para transmiti-los. A mensalidade cobrada dos moradores da Rocinha para assinar este pacote era bem menor que da tabela aplicada nos demais bairros da cidade. Com o dinheiro arrecadado com as assinaturas, a TVROC manteve até 2011 a produção do Canal 21, com uma programação totalmente voltada para a favela.

A TV comunitária da Rocinha, a Tagarela, nasceu de uma oficina de vídeo oferecida, em 1997, pela Ação Social Padre Anchieta (ASPA), uma instituição católica, a jovens de 14 a 18 anos moradores da comunidade. “Inicialmente chamada de ASPA Vídeo, a TV era formada por um grupo de dez pessoas que começou a desenvolver

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/L12485.htm

projetos voltados para a cultura, educação e cidadania com os equipamentos financiados pela ASPA”⁴.

A TV Tagarela, mesmo tendo sido inaugurada em 1998, ou seja, depois da promulgação da “Lei da TV paga” e quase duas décadas depois das primeiras TVs Livres, manteve a mesma estratégia das pioneiras: levar o debate para as ruas a partir do audiovisual. Como anuncia a professora de filosofia e uma das voluntárias da Tagarela, Fabiana Melo, no vídeo “TV comunitária de rua: uma boa alternativa”, produzido por Cléber Araújo, outro voluntário.

Mais uma vez a TV Tagarela está aqui na Rocinha fazendo o seu trabalho, exibindo muito da cultura brasileira, trazendo muita discussão. A gente não está aqui para que vocês fiquem calados. O nome TV Tagarela não é à toa: a gente está aqui porque a gente fala muito e quer que vocês também falem.

Ao levar o produto audiovisual para as ruas, a maioria feito com a participação dos moradores da Rocinha, os tagarelas fazem com que o expectador saia da passividade e, ainda, tenha o desejo de contribuir para elaboração de produtos de informação. A preocupação dos idealizadores da TV Tagarela é a formação crítica do expectador e desta forma eles entendem o trabalho desenvolvido como um “movimento político de comunicação com viés educacional”. (GIANNOTTI, 2016, p.71).

A trajetória independente da TV Tagarela, como TV Comunitária da Rocinha, ocorreu em 2003, quando se separou ASPA, perdeu seu espaço físico e sobreviveu graças ao empenho dos seus idealizadores e outros grupos de comunicação comunitária que emprestavam equipamentos. Por meio de um projeto com a FASE – Federação de Órgãos para Assistência e Educação, neste mesmo ano os tagarelas compraram a sua primeira câmera digital-8. No ano seguinte conseguiu se equipar e adquiriu um espaço físico:

Um andar de um prédio abandonado, que os membros da TV comunitária dividem com a Associação CACOC (Cultura, Arte e Comunicação Comunitária) da Rocinha, que desenvolve, entre outras coisas, o jornal comunitário Tá Dito. Neste mesmo ano, o grupo, para conseguir os equipamentos necessários para o funcionamento da TV, produziu dois vídeos comerciais: um para a Petrobras e outro para a

⁴ ALMEIDA, Hélio. TV Tagarela – a voz da Rocinha. Site Mídia Alternativa. Disponível em: <http://midiaalternativabypc.blogspot.com.br/2007/04/tv-tagarela-voz-da-rocinha.html>. Acessado em 06 de fevereiro de 2018.

Fiocruz. Com o dinheiro ganho, compraram materiais para a produção dos programas⁵.

A TV Tagarela mantém parcerias importantes com o Núcleo de Educação De Comunicação Comunitária (NECC) da Faculdades Hélio Alonso (FACHA), que oferece de cursos técnicos e, ainda, bolsas de estudo no Curso de Comunicação Social para os tagarelas.

A TV Tagarela e as redes sociais

Um levantamento realizado pelo Observatório de Favelas em 2011 mapeou as mídias comunitárias no Rio de Janeiro. A pesquisa Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares revelou que havia 104 veículos de comunicação em favelas e espaços populares da região metropolitana da cidade. Deste total, 73 responderam a um formulário que permitiu aos pesquisadores traçar um panorama quanto aos aspectos comuns identificados. “Dos 73 veículos que responderam ao questionário, 43 possuem perfis em redes sociais (Facebook, Twitter, Orkut, Flickr, Youtube, LinkedIn, My Sapace e Google +)”. (SILVA e ANSEL, 2012, p. 30).

A TV Tagarela foi um dos veículos que respondeu à pesquisa feita pelo Observatório de Favelas e declarou ter uma página na internet. Para este estudo, o que chama a atenção são os resultados disponíveis na publicação com relação aos acessos mensais obtidos em 2011: uma média de menos de 500 por mês. A pesquisa, entretanto, não informa em qual rede social os acessos estão sendo contabilizados.

No momento de produção do levantamento feito para este artigo a TV Tagarela estava presente em duas redes sociais: Facebook e YouTube. No Facebook tinha 1.180 curtidas e 1.175 seguidores⁶. No Youtube a Tagarela está inscrita desde 8 de setembro de 2013, tem 173 seguidores, 87 vídeos publicados e ao todo 44.365 visualizações.

⁵ Idem.

⁶ As análises quantitativa e qualitativa do perfil da Tagarela no Facebook estão em produção e farão parte da pesquisa “Mídia local, sociabilidade e novos modelos de expressão”.

TABELA 1 Vídeos TV Tagarela no YouTube			
	Nome do Vídeo	Data de postagem	Nº Visualizações
1	Pingo do Rap e MC Papá	10 de set de 2013	1.357
2	MC Galo e Fabinho Zona Sul	16 de set de 2013	2.278
3	MC Fabinho Zona Sul e MC Dolores	17 de set de 2013	712
4	Mc Xacal	18 de set de 2013	75
5	MC's Lasca e Tuzinho	26 de set de 2013	219
6	MC Xande	26 de set de 2013	26
7	Apafunk - Informação, Mobilização e Luta	17 de dez de 2013	287
8	Bando Cultural Favelados	17 de dez de 2013	229
9	Troque uma arma por um pincel	19 de dez de 2013	207
10	Ocupar, resistir para morar	27 de jan de 2014	161
11	SBR - Skate, Bike e Roller	27 de jan de 2014	219
12	Palco Rocinha	27 de jan de 2014	214
13	Instituto Raízes em Movimento	27 de jan de 2014	149
14	Tiroteio na Rocinha - 27-01-2014	27 de jan de 2014	21.454
15	A quem interessa calar os moradores da Rocinha?	22 de fev de 2014	1.700
16	Bloco APAFUNK	1 de mar de 2014	395
17	A festa nos estádios não vale as lágrimas nas favelas	12 de jul de 2014	705
18	Militarização das Favelas	7 de nov de 2014	192
19	Melhor Do Que Ninguém 4	27 de nov de 2014	74
20	Melhor Do Que Ninguém 3	5 de dez de 2014	107
21	Conversas entre vizinhos	21 de dez de 2014	212
22	TV Comunitária de Rua: Uma Boa Alternativa	30 de jan de 2015	436
23	Studio de dança Bruna Rodrigues	5 de mar de 2015	111
24	Roupa Suja Futebol Clube	5 de mar de 2015	749
25	Fórum de Cultura da Rocinha	5 de mar de 2015	38
26	Salvemos São Conrado	5 de mar de 2015	126
27	Cine Favela Festival chamada inscrições	23 de abr de 2015	418
28	Cine Favela Festival teaser 2	5 de mai de 2015	38

29	Cine Favela Festival teaser 3	6 de mai de 2015	114
30	Via sacra da Rocinha 2015	4 de set de 2015	570
31	Rocinha sem fronteiras	4 de set de 2015	278
32	Acorda Capoeira	4 de set de 2015	48
33	Entre Muros e Favelas	8 de set de 2015	925
34	Por que se tortura um homem?	8 de set de 2015	126
35	Comunidade em foco	10 de set de 2015	308
36	A história que eu conto	28 de set de 2015	95
37	Agenda Redutora da Violência	28 de set de 2015	23
38	Beco Poema: Os Pequenos Poetas da Rocinha	28 de set de 2015	119
39	Brincar é coisa muito séria	28 de set de 2015	34
40	CAMPO - Centro de Apoio ao Movimento Popular da Zona Oeste	28 de set de 2015	19
41	CEAC - Centro de Educação Alternativa Cultura e Cidadania	28 de set de 2015	14
42	Cultura e Arte em um só espaço	28 de set de 2015	154
43	Escola de Música de Rocinha (E.M.R)	28 de set de 2015	114
44	Músicos do Amanhã	28 de set de 2015	108
45	Oficina do Sucesso	28 de set de 2015	115
46	Pré-Vestibular Comunitário de Manguinhos (PVC M)	28 de set de 2015	69
47	Roça Caça Cultura (2004)	28 de set de 2015	68
48	Rocinha Bodyboarding	28 de set de 2015	377
49	Rocinha em ação tuberculose não!	28 de set de 2015	58
50	Rocinha Radical	28 de set de 2015	46
51	SER VIDIGAL	28 de set de 2015	43
52	Raiz Cultural	5 de out de 2015	18
53	Les caméras de la favela	5 de out de 2015	24
54	Matéria sobre a TV Tagarela no Programa Espaço Aberto	5 de out de 2015	135
55	Olhares da Favela - Rocinha	7 de out de 2015	501
56	Noite de terror na Rocinha	17 de out de 2015	1.586
57	Cine Favela Festival 2015	20 de out de 2015	420
58	Fórum de Saúde e Mídias Comunitárias - Clínica da Família, você sabe como funciona?	3 de nov de 2015	68

59	Dia da Cultura na Rocinha	11 de nov de 2015	35
60	Análise participativa do PAC Rocinha	11 de nov de 2015	137
61	Territórios em Movimento Trilhas da Rocinha	12 de nov de 2015	29
62	Territórios em Movimento Trilhas do Alemão	12 de nov de 2015	21
63	Territórios em Movimento Trilhas de Manguinhos	12 de nov de 2015	31
64	Consciência negra (2007)	24 de nov de 2015	19
65	Amo salgueiro	3 de dez de 2015	393
66	Vamos Desenrolar (2014)	9 de dez de 2015	58
67	Via Sacra da Rocinha (2000)	21 de mar de 2016	565
68	Sabotage na Rocinha (2016)	29 de mar de 2016	220
69	1º Cine Favela Festival no RJTV	2 de abr de 2016	16
70	1º Cine Favela Festival no RTP	2 de abr de 2016	15
71	Mototaxista da Rocinha	5 de abr de 2016	29
72	CINE FAVELA FESTIVAL TEASER 1	5 de abr de 2016	14
73	Via Sacra da Rocinha 2016: O Calvário do Favelado	19 de abr de 2016	1607
74	Ocupação do C.E. André Maurois (2016)	3 de mai de 2016	677
75	Ser mãe é?!	8 de mai de 2016	57
76	Ser mãe é?!	10 de mai de 2016	34
77	Ser mãe é?!	11 de mai de 2016	49
78	Ser mãe é?!	12 de mai de 2016	43
79	Ser Mãe é?!	13 de mai de 2016	11
80	Ser Mãe é?!	14 de mai de 2016	33
81	Ser mãe é padecer Maria	15 de mai de 2016	90
82	TV Tagarela - "Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje".	18 de mai de 2016	63
83	Exibição de rua "Ser Mãe é?!"	16 de jun de 2016	52
84	Ser Mãe	16 de jun de 2016	127
85	15ª Mostra do Filme Livre na Rocinha / Sessão Premiados I	14 de jul de 2016	91
86	15ª Mostra do Filme Livre na Rocinha / Sessão Mundo Livre	11 de ago de 2016	53
87	Rocinha Sem Fronteiras: 10 anos de luta	16 de dez de 2016	60

Na tentativa de compreender o que está por trás de tantos números aplicamos neste estudo um método de análise que se espelha na metodologia desenvolvida para a minha tese de doutorado “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual”. O primeiro passo do “Método de Análise da Estrutura Parceira de Reportagem” propõe identificar a pauta da produção audiovisual veiculada a partir da elaboração de dois quadros: pauta-agenda e pauta-assunto. (SABACK, 2015, p.5)

O quadro “agenda” visa identificar qual a característica da produção, ou seja, que tipo de vídeo é: aquele que valoriza um ou mais aspectos da favela e seus moradores; aquele que denuncia um problema da comunidade; ou o vídeo que registra um acontecimento “factual” que não recebe a cobertura dos veículos de comunicação tradicionais. Já o quadro “assunto” destaca as questões que surgem nas produções sistematizados na seguinte ordem: saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança.

De acordo com o levantamento, a maioria dos vídeos, 47 deles, valoriza uma ação desenvolvida na Rocinha ou em outra favela do Rio de Janeiro para atender seus moradores. Entretanto, chama a atenção o grande número de produções “factuais”, registros de eventos e manifestações realizados na favela ou em seu em torno. Nesta categoria destaca-se o vídeo “Tiroteio na Rocinha - 27-01-2014”, publicado no dia 27 de janeiro de 2014, que até o fechamento deste artigo havia sido visualizado 21.454 vezes. O vídeo tem apenas 3min15seg de duração onde ouve-se tiros e acompanha o movimento dos policiais na passarela que dá acesso à favela. Em outras palavras, nada acrescenta. Por outro lado, o vídeo “Rocinha sem Fronteiras: 10 anos de luta”, que conta em 7min o importante momento de comemoração “de mobilização junto aos moradores e coletivos da Favela da Rocinha na luta pelos direitos básicos negados aos territórios periféricos⁷⁷”, teve 160 visualizações e foi o último postado no Canal no dia 16 de dezembro de 2016.

TABELA 2 - Agenda	Valorização	Denúncia	Factual
TOTAL de VÍDEOS	42	10	37

Entre os assuntos presentes nas produções audiovisuais da TV Tagarela no YouTube, a maioria absoluta, 70 vídeos, têm como tema questões que envolvem cultura, esporte e/ou lazer. É importante ressaltar, ainda, que mais da metade desses vídeos

⁷⁷Trecho do texto de apresentação do vídeo no Canal da TV Tagarela no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fn1E9KXDQil>. Acessado em 2 de fevereiro de 2018.

também giram em torno da questão da segurança, 38 de 70. Este dado permite uma reflexão sobre como o olhar do morador sobre a questão da segurança onde vive difere do olhar do jornalista profissional sobre as favelas cariocas.

De acordo com o artigo 144 da Constituição Federal, “a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio”⁸. A garantia da segurança pública deve ser feita pelas polícias federal, rodoviária federal, ferroviária federal, civil, militar e, também, pelos corpos de bombeiros militares. Neste sentido, percebe-se um esforço dos veículos de comunicação comunitária em ampliar o debate em torno da questão de segurança nas favelas com pouca, ou nula, atenção do poder público.

A TV Tagarela, por exemplo, na maioria dos 55 vídeos que tem a segurança no assunto pautado, fala de segurança é problemática, na medida em que a violência convivida por eles e todos os demais moradores já é o assunto mais pauta do na grande imprensa, seja ela televisiva, sonora, impressa ou digital.

Os óculos dos jornalistas profissionais estão ajustados para um enfoque limitador que a segurança do morador de favela gira apenas em torno da criminalidade, do tráfico de drogas, cabe a eles ajustar sua lupa para questões de saúde, saneamento básico e transporte, que efetivamente colocam em risco a população das favelas cariocas.

TABELA 3 - Assunto	Saúde Saneamento Transporte	Educação Trabalho	Cultura Esporte Lazer	Segurança
TOTAL de VÍDEOS	27	23	70	55

A TV Tagarela promove na Rocinha o que Raquel Paiva e Gabriela Nóra chamaram de “humanismo prático”, aquele sustentado pelas relações de comunicação que “não se pautam pela esfera do discurso, e sim pela dimensão da sensível (emoções, sentimentos, visibilidade, estesia)”. (PAIVA & NÓRA, 2008, p. 13). Um bom exemplo é o documentário “Entre Muros e Favelas, uma produção da TV Tagarela em parceria com a TREVER e AK Kraak, que denuncia o extermínio de jovens favelados. O filme ganhou o Prêmio Jangada como melhor documentário de média-metragem de Filme Etnográfico em 2005 ao apresentar o sofrimento e a luta das mães que não conseguiram provar a inocência dos filhos assassinados pela polícia.

⁸ <http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigobd.asp?item=%201359>

Outro exemplo pertinente é o filme “Ser mãe” publicado no dia 16 de junho de 2016. O documentário tem 8min30seg e reúne depoimentos de mães de idades diferentes falando sobre as dificuldades e alegrias de criar os filhos na favela. São testemunhos emocionantes a partir da simples pergunta: ser mãe é? Cícera Silva, uma das entrevistadas, conta que criou os filhos sozinha. “Para criar dentro da comunidade eu crio os meus filhos muito bem. (...) eu consegui criar assim: o certo é isso. Se fizer besteira, for preso, não me liga, não me procura porque eu não quero saber. Vai pagar pelo que fez”⁹. A agenda é de valorização da fala do morador, mas os testemunhos revelam todos os assuntos: saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança.

Considerações finais

A conclusão que se chega após esta análise preliminar da presença da TV Tagarela da Rocinha no YouTube é que ela está em silêncio no espaço virtual, mas ativa nas ruas. Seu papel como mobilizador e incentivador na luta por cidadania efetivamente ocorre no Largo dos Boiadeiros, ponto de comércio da favela, onde tradicionalmente exhibe filmes nacionais, seus vídeos e promove o debate com os moradores da comunidade. É no espaço público onde ocorre o diálogo capaz de proporcionar a conscientização crítica.

Pode-se pensar que a criação do canal tenha dado visibilidade às produções dos tagarelas, mas isto é posto em xeque quando se examina tanto o número de inscritos, ou seja, seguidos, quanto de visualizações dos vídeos postados. O número de acessos de uma forma geral é baixíssimo e há pouquíssimos comentários sobre os vídeos. Além disso, a periodicidade das publicações não contribui para a fidelização dos inscritos. De dezembro de 2016 a fevereiro de 2018, por exemplo, nenhuma produção foi publicada no canal.

As primeiras pistas para responder à pergunta sobre a eficácia da TV Tagarela nas redes sociais começaram a aparecer, mas é preciso ainda investigar seu perfil no Facebook. Em síntese, no YouTube os tagarelas disponibilizam o material que produzem e, de alguma forma, nas suas últimas publicações, tentaram criar estratégias para usar com inteligência a plataforma. Isso fica claro na sequência de postagens para o lançamento e exibição do vídeo “Ser mãe”. Nos dias 8, 10, 11, 12, 13 e 14 de maio foram publicados

⁹https://www.youtube.com/watch?v=dCjL8g0c6pU&list=PLU4kIhkDR0fs6LVC8LPy_-XFkGfri4-pN&index=9

pequenos vídeos chamando para a exibição no dia do vídeo completo no dia 14 de maio; no dia 15 de maio publicaram “Ser mãe é padecer Maria”, uma das entrevistadas recitando uma poesia; e no dia 16 de junho subiram os vídeos “Exibição de rua "Ser Mãe é?!" e o vídeo completo “Ser mãe”, que até o fechamento deste artigo registrou 127 visualizações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GIANNOTTI, Claudia Santiago. **Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje - Uma história de resistência nas favelas cariocas**. Rio de Janeiro. Núcleo Piratininga de Comunicação, 2016.

LIMA, Rafaela & BRITTO, B. **Cartilha do acesso**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MEDRADO, Andréa. Favela antenada - A TV a cabo da Rocinha. Disponível: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_tv_a_cabo_da_rocinha. Acessado em 14 de fevereiro de 2018.

PAIVA, Raquel e NÓRA, Gabriela. A comunidade e humanismo prático: a apresentação da periferia no Rio de Janeiro. In: PAIVA, Raquel; DOS SANTOS, Cristiano H. R. (orgs). **Comunidade e Contra-hegemonia: Rotas de Comunicação Alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p.13-28.

PERUZZO, Cicilia M.K. Mídia comunitária. **Revista Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: UEMESP, 1998. n° 30. P.142-156.

_____. **Televisão Comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Aspectos Históricos da TV Comunitária no Brasil. Trabalho apresentado no GT Medios Comunitarios y Ciudadania. V Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Santiago, Chile, 27 a 30 de abril de 2000. Disponível: <http://www.bocc.uff.br/pag/peruzzo-cicilia-tv-comunitaria.pdf>. Acessado 12 de maio de 2009.

SABACK, Lilian. **Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual**. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro em cotutela com Programa de Doutorado em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Rio de Janeiro, 2015.

_____. Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo. Anais do XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2015.

Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/trabalhos.htm>. Acesso em: 30 de janeiro de 2018.

SILVA, Jailson de Souza e ANSEL, Thiago Araujo. **Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares** /- 1.ed. - Rio de Janeiro: Observatório de favelas, 2012. Disponível: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf. Acessado em 06/02/2018.